

## 4

### Jesus Cristo: identidade humana

#### 4.1.

#### Articulação na história entre cristologia e soteriologia

O mistério de Cristo continua fazendo com que a história alcance um sentido e se mostre como horizonte, na experiência concreta de cada homem. O momento atual se traduz pela mesma busca de salvação do homem diante do que os autores chamam de “fim da modernidade”. Seguindo os passos da Constituição *Gaudium et Spes* encontra-se no mistério de Jesus o caminho para o ser humano.

A cristologia procura o que Jesus Cristo significa para a salvação do mundo, ou seja, Jesus Cristo salvação de Deus para a humanidade. Uma estrutura básica comum que articula a revelação e salvação de Deus à pessoa e obra de Jesus Cristo.

Assim, convém distinguir dois conceitos intimamente ligados no desenvolvimento cristológico: cristologia e soteriologia. Cristologia se refere à identidade de Cristo e a estrutura ontológica do seu ser, a relação da divindade com a humanidade. Soterologia se refere ao modo como Cristo nos salva do pecado e nos dá a comunhão filial à vida divina. A motivação dos debates cristológicos nos primeiros séculos era soteriológica, saber quem era o Cristo, para que pudesse exercer a mediação entre Deus e o homem, conforme a Escritura. A articulação entre estes dois conceitos explicitava a necessidade da encarnação a partir da necessidade de salvação dos homens, e interrogava sobre o mistério de Jesus Cristo<sup>160</sup>.

A salvação de Deus é a esperança de cada ser humano e é em torno dela que toma corpo a revelação realizada em Jesus Cristo. A salvação recebida de Deus em Jesus Cristo é um dado fundamental em nossa fé. A partir dele o mistério da relação entre Deus e o homem se articula. No texto 1Cor 15,12-20, Paulo afirma a ressurreição de Cristo como premissa maior para a certeza da ressurreição do ser humano.

---

<sup>160</sup> Cf. SESBOÛÉ B. *Historia de los Dogmas, el Dios de La Salvacion. Salamanca: Secretariado Trinitário* (Tomo I), 1995. p.269.

As cristologias do Novo Testamento e do primeiro milênio eram cristológicas soterológicas, afirmando a real condição de possibilidade da atuação redentora de Cristo no mistério de sua pessoa.

A argumentação soteriológica estava presente desde os debates trinitários: o requisito da Trindade para que não fosse vã a nossa salvação. Nos debates cristológicos a motivação soteriológica recai sobre os aspectos da identidade divina e ao mesmo tempo humana de Jesus. Cristo promove o intercâmbio salvífico entre Deus e o homem. Este intercâmbio supõe uma dupla solidariedade de Cristo: de um lado com Deus, e de outro com o homem. Não bastava, entretanto, que Jesus fosse o verdadeiro Filho de Deus por um lado, e verdadeiro homem por outro, mas que essas duas solidariedades realizassem uma unidade verdadeira, para que uma solidariedade não permaneça externa à outra. Dessa unidade (divino-humana), depende a mediação única de Cristo.

Esse princípio de mediação esteve presente no debate entre os representantes das escolas de Alexandria e de Antioquia, respectivamente, Cirilo de Alexandria e Nestório<sup>161</sup>, no Século V. No pensamento de Cirilo sua perspectiva cristológica, conforme nos expõe Sesboüé, era infinitamente profunda:

Ele é, pois, considerado mediador também por esse ponto de vista: coisas extremamente distantes por sua própria natureza, tendo entre si um intervalo incomensurável, como a divindade e a humanidade, ele as mostra em si mesmo conjugadas e unidas e nos liga, por seu intermédio a Deus Pai. (...) Ele é, com efeito, mediador entre Deus e os homens, segundo as Escrituras, Deus por natureza mesmo com a carne, verdadeiramente, mas não como nós, puramente homem, permanecendo, ao contrário, o que ele era mesmo depois de tornado carne (...). Em suma, é preciso que ele possua o que é nosso para que possuamos o que é dele<sup>162</sup>.

A concepção de salvação do homem, portanto, se organizou em torno da idéia da divinização do homem, pelo dom da participação na vida de Deus, pela solidariedade que o único Cristo mantém com Deus, por sua natureza divina, e conosco por meio de uma natureza humana.

<sup>161</sup> Nestório, presbítero de Antioquia, tornou-se patriarca de Constantinopla em 428. Tem a preocupação de preservar a plena humanidade de Cristo, mas sua linguagem subentende em Cristo dois sujeitos separados, o Verbo e a humanidade de Cristo, colocando em questão a comunicação real entre Deus e a humanidade.

<sup>162</sup> SESBOÜÉ B. *Historia de los Dogmas*, p.269.

A Bíblia define a criação como uma obra boa e mostra o criador continuando a trabalhar com bondade em sua criação. Cristo é considerado formalmente o Filho do Criador, o Verbo por intermédio de quem Deus criou tudo, e em particular o homem. O ato criador é um ato de amor de Deus por sua criatura, cria uma história de relações mútuas entre Deus e os homens. Por intermediação do Filho, Deus salva o homem como o havia criado. No Filho tornado homem, a salvação se cumpre como deve cumprir-se no fim dos tempos e na eternidade, pela união entre Deus e os homens. A salvação depende da encarnação, que deve ser entendida de maneira que explique a salvação, que é sua razão de ser<sup>163</sup>.

Segundo Bernard Sesboüé, os Padres da Igreja insistiram muito na realização de nossa salvação pela encarnação vista como mediação realizada por Cristo entre Deus e os homens, pensando no que constituiu o Cristo por toda a sua existência de homem e na realização de todos os seus mistérios. A teologia da encarnação foi determinada por uma teologia da salvação, ela própria ligada a uma antropologia e a uma concepção de mundo e da história retiradas da Bíblia, mas igualmente das filosofias e culturas da época.

Vários estudos tornaram evidentes que a motivação soteriológica recaía na encarnação, na pessoa de Cristo. Ela tem valor de princípio re-criador: Jesus é o princípio da humanidade salva que ele recapitula diante de Deus. Misturando o discurso da salvação à teoria da encarnação, a soteriologia à cristologia, a maioria dos Padres da Igreja repetiam que a obra da salvação realizou-se em Cristo:

Quando ele se encarnou e se fez homem, recapitulou em si mesmo a longa história dos homens e conseguiu para nós a salvação em síntese, de modo que o que havíamos perdido em Adão, isto é sermos à imagem e semelhança de Deus, nós o recobraríamos em Cristo Jesus<sup>164</sup>.

O vínculo de Deus com a criação e com a salvação do homem induz a unir em Cristo o começo e o fim da história. Por isso, a soteriologia se torna o princípio hermenêutico da cristologia:

Pois é esta a razão pela qual o Verbo se fez homem, e o Filho de Deus, Filho do homem: é para que o homem, reunindo-se ao Verbo e recebendo, assim, a adoção

<sup>163</sup> Cf. MOINGHT, J. *O homem que vinha de Deus*. São Paulo: Edições Loyola, 2008. p.94.

<sup>164</sup> IRINEU, *CH, III,4,2* Apud MOINGHT, J. op.cit., p.96.

filial, se torne Filho de Deus. Não podíamos, efetivamente, participar da incorruptibilidade e da imortalidade, a não ser sob a condição de estarmos unidos à incorruptibilidade e à imortalidade. Mas como poderíamos ter ficado unidos à incorruptibilidade e a imortalidade, se a incorruptibilidade e a imortalidade não se tivessem tornado previamente o que somos, para que o que era corruptível fosse absorvido pela incorruptibilidade e o que era mortal pela imortalidade, “para que recebêssemos a adoção filial” (Gl 4,5)<sup>165</sup>.

A partir desta premissa iniciam-se os debates cristológicos procurando elucidar o mistério de Cristo, desenvolvendo concepções e debatendo o limite de cada perspectiva diante de tal desafio.

Em Irineu a encarnação se insere em uma teologia da história, cujo horizonte se abre à vinda do Reino de Deus, como era no tempo dos apóstolos.

No Ocidente foi ocorrendo uma separação cada vez mais acentuada entre cristologia e soterologia. A cristologia se reduziu de modo estático à constituição do relacionamento entre divindade e humanidade, e a soteriologia restringiu a obra redentora de Cristo à morte expiatória na cruz.

A fé na encarnação vai desenvolver sua inteligibilidade para fornecer meios para se exprimir nos limites de uma cultura e de uma época. Nela encontramos princípios absolutos de fé que se impõe ainda hoje, que obrigam a reconstruir outra expressão da fé, mas guiada pelos mesmos pontos de referência.

A cristologia atual percebe na peculiaridade da pessoa de Jesus e em sua história o significado soteriológico. O significado soteriológico é intrínseco à própria pessoa e causa de Jesus, através de seu ser relacional e criador de relação e em ter parte em seu ser.

Jesus é o redentor e a redenção objetiva se dá justamente através de seu ser relacional e criador de relação, e a redenção subjetiva consiste em ter parte em seu ser. A cristologia em si mesma é o lugar da soteriologia. Conforme já ocorreu com a expectativa judaica do Messias, a esperança de salvação precisa ser interpretada sempre de maneira nova a partir Dele. Só na pessoa e história de Jesus se revela o que serve à salvação da humanidade, em que sentido Ele é o portador universal da salvação e o redentor universal, para além de toda expectativa humana<sup>166</sup>.

<sup>165</sup> IRINEU, *CH III, 19*, MOINGHT, *O homem que vinha de Deus*, p.97.

<sup>166</sup> KESSLER, H. *Cristologia*. In: SCHNEIDER, T. (Org.). *Manual de Dogmática*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.p.350.

A separação entre cristologia e soterologia é superada na atualidade. A mediação salvífica de Jesus Cristo é universal e única, atua em contextos históricos, culturais e religiosos num caminhar progressivo, na vivência da revelação de Deus em Jesus Cristo.

#### **4.2.**

#### **O ministério de Jesus paradigma para o ser humano**

Neste percurso o encontro com Jesus Cristo vivo se faz necessário, através de sua vida, paixão, morte e ressurreição. O discurso sobre Jesus de Nazaré nos aproxima de sua pessoa e de sua particular natureza de Homem-Deus. Aí se inclui também o destino dos seres humanos, o motivo de adesão a Ele e o sentido à passagem histórica do homem.

A vida de Jesus está escrita através da fé, uma realidade histórica e escatológica que exprime a experiência e a fé de testemunhas evangélicas. Assim, os textos sobre Jesus Cristo exprimem a confiança em uma realidade absoluta que confere sentido à existência e, ao mesmo tempo, é um conteúdo aberto e disponível diante do mistério da realidade. A fé em Jesus Cristo expõe a relação entre uma constelação de realidades e a necessária tomada de posição, não só diante de Jesus, mas em relação à realidade como um todo e a concepção de salvação para o ser humano.

O Novo Testamento apresenta a realidade central de Jesus, o amor de Deus, a defesa dos mais fracos e a condenação do pecado. São textos que levantam questionamentos e trazem luzes para que a sua interpretação dê mais de si.

A pesquisa histórica exegética enumera alguns dados que estariam dotados de maior base histórica: a existência de Jesus de Nazaré; o batismo de Jesus; o anúncio da chegada do Reino de Deus e sua experiência de vida a serviço deste Reino; a realização de curas; sua relação especial com Deus, invocado como “*Abba*”; o poder de perdoar os pecados, de violar prescrições sobre o sábado e de anunciar a vontade de Deus com base em sua própria autoridade; seu êxito como pregador; o relacionamento com os pobres, pecadores e marginalizados em geral; a escolha e o envio de um grupo de seguidores; a utilização de parábolas em sua pregação; sua entrada solene em Jerusalém e a ceia com os discípulos; seu

aprisionamento e a crucificação; e a consciência de uma missão única. A partir desse núcleo histórico e sob a ação do Espírito Santo se desenvolveram as interpretações das primeiras comunidades cristãs e dos evangelistas, que estão na origem dos Evangelhos<sup>167</sup>.

Entretanto, a fé em Jesus Cristo e a reflexão cristológica não seriam possíveis sem a ressurreição. A Páscoa dá o sentido e o significado da vida e morte de Jesus, o fundamento de uma fé explícita em Jesus Cristo. A ressurreição confirma o valor da vida, das atitudes, da mensagem e morte de Jesus e de seu messianismo, num sentido novo, iniciando-se a existência segundo o Espírito. Conforme o Novo Testamento, a fé em Jesus Cristo e a reflexão cristológica não seriam possíveis sem a ressurreição. Uma fé explícita se desenvolveu, portanto, após a experiência pascal que inclui Pentecostes.

Para o Novo Testamento e para a fé cristã, Jesus de Nazaré é o próprio Deus revelado, o crucificado é o ressuscitado. Mas o caminho e o itinerário pelos quais passa essa revelação e essa confissão de fé não são diretos. Os autores neotestamentários foram descobrindo aos poucos, sob a inspiração do Espírito Santo, quem era Jesus e quem era o Deus, que ele chamava de Pai. Viveram interpelados por suas experiências com Jesus até chegarem à confissão de fé de que aquele Jesus era o Filho de Deus e Deus mesmo.

Toda a revelação neotestamentária passa por uma tensão entre o “Jesus histórico” e o “Senhor exaltado”. O Cristo da fé é a figura central dos Evangelhos e de todo o Novo Testamento: “Sobre uma base histórica real e autêntica, os autores neotestamentários oferecem sua interpretação de fé dos fatos histórico-transcendentes que marcaram a vida, morte e ressurreição de Jesus”<sup>168</sup>.

Articular a experiência cristológica básica com a Páscoa inaugurou desde o início, diversas tentativas de expressão que existiram lado a lado com uma relativa diversidade de idéias e formulações cristológicas, à qual subjaz uma unidade essencial. Por um lado, o caráter distinto de situações e funções na vida das comunidades cristãs, como a pregação e presentificação litúrgica, louvor e invocação, hino e confissão, catequese batismal, pregação missionária frente a judeus ou gentios, e a defesa frente a perseguidores verificando-se em cada caso formas e ênfases distintas na expressão cristológica. Por outro, o caráter distinto

<sup>167</sup> Cf. RUBIO, A.G. *O encontro com Jesus Cristo Vivo*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 13.

<sup>168</sup> BINGEMER, M.C. *Um rosto para Deus?* São Paulo: Paulus, 2005. p. 115.

de nexos da tradição já existentes dos quais provinham indivíduos ou grupos cristãos, judeus cristãos de fala aramaica, e de fala grega ao redor de Jerusalém, judeus cristãos helenistas fora da Palestina, grupos de cristãos gentílicos de proveniência diversa procuravam em cada caso a partir das expectativas de salvação idéias que traziam consigo possibilidades de expressão a fim de se aproximar, da melhor maneira possível, dos conteúdos da percepção pascal básica ou das afirmações de fé fundamentais de forma adequada à situação em que se encontravam<sup>169</sup>.

Percebe-se ao longo do texto bíblico cristologias histórico salvíficas de exaltação e eleição<sup>170</sup> como cristologias cósmicas de pré-existência e encarnação<sup>171</sup>, indicando desde o início, um relacionamento dialógico entre diversas tradições e concepções cristológicas. O Novo Testamento já continha em si a passagem de um espaço cultural para o outro: do mundo judaico antigo para o mundo helenista.

Nenhuma cristologia por si só consegue apreender toda a plenitude de Cristo. Não obstante a diversidade dos esquemas de pensamento, uma continuidade estrutural consiste na indissolúvel vinculação da revelação e salvação de Deus à pessoa e obra de Jesus Cristo. Por meio dele, Deus e sua salvação tornam-se legítimos e comunicáveis de modo universal. Nesta perspectiva, a cristologia Jesuana<sup>172</sup> inicia-se com uma Jesuologia tendo como ponto de partida Jesus de Nazaré. Ela aprofunda a questão em Jo 8,25: “Tu quem

<sup>169</sup> Cf. SCHNEIDER, T. (org). *Manual de Dogmática*, p.266.

<sup>170</sup> As cristologias histórica salvíficas de exaltação e eleição explicitaram o significado de Jesus por um pensamento orientado pela história da tradição judaica e hebraica antiga, onde Jesus em correspondência à Torá e aos profetas é o portador escatológico da salvação.

<sup>171</sup> As cristologias de preexistência e de encarnação procuraram corresponder ao pensamento de orientação cósmica da cultura do mundo helenista, descobrindo a profundidade da história e pessoa de Jesus.

<sup>172</sup> Nos últimos anos a pesquisa exegética, a partir da proposta de E. Käsemann de que se poderia ter um acesso estreito, mas seguro ao Jesus histórico fez um esforço possibilitando a elaboração de uma cristologia Jesuana. A pesquisa exegética do Novo Testamento sobre o Jesus histórico, Third Quest deu uma contribuição fundamental para aprofundar as questões da vida terrena de Jesus, uma cristologia que parte de Jesus. Considerando que os Evangelhos nasceram da fé pós-pascal, se procura atestar a autenticidade de ações significativas e das palavras de Jesus. Tal perspectiva não propriamente cristológica, mas Jesuana se apóia em três critérios indispensáveis segundo muitos autores entre eles J. Jeremias e Romano Pena: o da descontinuidade, o da conformidade e o da múltipla atestação. A descontinuidade atesta um fato original ou que se diferencie do ambiente judaico. A conformidade atesta a coerência de Jesus em seu ambiente natal. A múltipla atestação se refere à comprovação em grande número de fontes do Evangelho (Marcos, Quelle, fontes especiais de Mt e Lc e eventualmente de Mc), e em outros escritos do NT ( At, Jo, Cartas de Paulo, de Pedro, João e Hebreus). Cf. COSTA, P.C. *O Seguimento de Jesus Cristo como Fundamento da Evangelização*. In: PIVA, E.P. (Org.). *Evangelização*, Petrópolis: Editora Vozes, 2007. pp.179-194.

és?”. O modo de vida de Jesus marca a fase Jesuana, pois seu comportamento é julgado segundo a sua situação histórica pessoal, que representa uma guinada na sua trajetória histórica. As ações e o comportamento de Jesus revelam o seu sentido, configuram a cristologia Jesuana do ministério de Jesus.

Jesus Cristo iniciou uma geração de discípulos que pregavam sua mensagem salvífica e testemunhavam sua existência peculiar. “Foi aquele que anuncia e realiza em sua vida a nova sociedade humana querida por Deus. Jesus Cristo é, portanto, aquele que inicia um movimento que humaniza a sociedade, que dá sentido à história e mobiliza liberdades para a construção do mundo”<sup>173</sup>.

Os quatro evangelistas narram seu batismo por João Batista. Jesus estava de acordo com o movimento batista e sua proposta escatológica. A singularidade do rito de João, como a preparação radical para o juízo iminente de Deus, revela uma afinidade com a proposta posterior de Jesus, que anuncia a todos a possibilidade de encontrar a Deus, que se tornou próximo dos homens<sup>174</sup>. Porém, para João Batista a chegada do Reino de Deus aconteceria sob o signo do juízo, enquanto que para Jesus o Reino de Deus era resultante da misericórdia e amor de Deus para com os pecadores. O batismo de Jesus representa uma guinada na trajetória histórica de Jesus, entre o carpinteiro de Nazaré e o profeta anunciador do Reino de Deus<sup>175</sup>. Após o seu batismo, Jesus abandonou o ambiente do deserto, freqüentava sinagogas, o templo, falava em público, acolhia os pecadores e comia com eles (Cf. Mt 11,18-19). A mensagem de Jesus era de alegria e de oferecimento da graça por parte de Deus<sup>176</sup>.

O surpreendente novo em Jesus aparece diante de sua conduta e no trato com os pecadores e culturalmente impuros, na atitude de Jesus diante do sábado e das prescrições de pureza. Sua conduta só pode se entender diante do contexto de sua mensagem sobre o senhorio e a vontade de Deus<sup>177</sup>. Jesus se comportava de forma prática em contraposição à concepção judaica da lei. Coloca-se em oposição à lei na proibição dada aos discípulos de sepultar o próprio pai (Mt 8,21-22; Lc 9,59-60). A dessemelhança com relação ao judaísmo indica ser uma atitude autêntica de Jesus. O mesmo se vê com relação à observância do sábado, que

<sup>173</sup> MIRANDA, M.F. *Aparecida: a hora da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2006. p.19.

<sup>174</sup> Cf. SCHILEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*, pp.130-134.

<sup>175</sup> Cf. FABRIS, R. *Jesus de Nazaré, historia e interpretação*. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p.101.

<sup>176</sup> Cf. KASPER, W. *Jesus, El Cristo*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1986. p.79.

<sup>177</sup> Cf. *Ibid.*, p.80.

tinha um profundo significado religioso. Jesus se opôs também a prática do jejum. São atitudes que implicavam uma auto compreensão muito grande de si, colocando-se acima da *Torah*.

Os ritos de purificação na visão de Jesus impediam o relacionamento com as pessoas. Os leprosos, as mulheres com fluxo de sangue, os cadáveres, os pagãos, os publicanos e as prostitutas contaminavam com a impureza somente no tocar. Os Evangelhos mostram a inobservância de Jesus a estas prescrições. Jesus se manifesta contra aquelas atitudes que humilhavam a pessoa humana e mortificavam a sua dignidade (Cf. Lc 19,9). Jesus era, portanto, para estes o portador da misericórdia de Deus.

Os milagres de Jesus, segundo os Evangelhos Sinóticos, são chamados sinais, gestos de poder, e obras. O discurso de Pedro em Pentecostes apresenta Jesus como operador de milagres (Cf. At 2,22). Os Evangelhos mostram que Jesus se recusa a ser visto como cumpridor de gestos espetaculares ou fórmulas mágicas. Sempre exige a fé como condição (Cf. Mc 5,34; Mt 8,10; Lc 17,19). Os milagres evidenciam que se iniciou o tempo da salvação, expressam que a chegada do Reino de Deus em Jesus significa salvação do homem, de corpo e alma e que esta salvação se oferece a todos, incondicionalmente<sup>178</sup>.

Com relação ao templo, seu gesto provocatório de expulsar os vendedores do templo atestado pelos quatro evangelistas pode ser visto como uma reivindicação de Jesus a todo templo. O templo deveria ser lugar de adoração para todos os povos. O gesto de Jesus foi contra o sacerdócio do templo. Jesus se insere numa perspectiva escatológica de renovação do templo: “É escrito que a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos” (Mc 11,17).

Quando João insere o mesmo fato no início de seu Evangelho (Cf. Jo 2,13-22) a promessa de reedificação do templo é interpretada em sentido cristológico, pois o evangelista refere o gesto à morte e ressurreição de Jesus. Jesus se reconhece na esperança judaica de renovação escatológica que se impõe em conexão com a sua ação. Jesus revela em sua atitude a estatura de um profeta, pois fala com autoridade em nome de Deus. Segundo Sanders, há uma unidade entre os ditos de Jesus e sua ação, e conclui dizendo:

---

<sup>178</sup> Cf. KASPER, W. *Jesus, El Cristo*, p.80.

Jesus predisse a ameaça de destruição do templo e efetuou uma ação simbólica de sua destruição, demonstrada contra a ação do sacrifício. Ele não desejava purificar o templo nem de um comércio desonesto, nem de um contraste com o culto puro. Nem se opôs ao sacrifício do templo oferecido ao Deus de Israel. Pretendia indicar que o fim estava se aproximando e que o tempo de destruição viria, a fim de que pudesse surgir um tempo novo e perfeito<sup>179</sup>.

Também com relação aos bens materiais Jesus se posicionou em dois momentos. Um diz respeito ao *corban*, segundo o qual qualquer coisa oferecida a Deus assumia aspecto de sacralidade. Jesus recorda Moisés, que legislou sobre a obrigação de honrar pai e mãe. De acordo com a tradição judaica, a honra devida aos pais incluía também o dever de cuidar do seu sustento. Jesus se confronta não com a *Torah*, mas com a *Halaká* interpretada por Jesus como contrária ao preceito de Deus (Cf. Mc 7,8-13; Mt 15,3-9).

Em outro momento, Jesus se coloca contra as purificações expiatórias que restauravam este estado que se tinha perdido mediante o contato com o impuro. Jesus reconduz o discurso sobre a pureza para além das prescrições legais e o coloca no interno da pessoa humana e nas suas raízes éticas. Só o pecado pode contaminar: “não há nada de fora do homem que entrando neste o possa contaminar, mas são as coisas que saem do homem que o contaminam” (Mc 11,17).

A conduta de Jesus suscitou desde o princípio surpresa e entusiasmo como escândalo e ódio. O anúncio de um Deus cujo amor valia também para o pecador questionava a concepção judaica de santidade e justiça de Deus. Sua morte violenta se situa como consequência íntima de sua conduta. O movimento messiânico que Jesus iniciou sem dúvida foi motivo para as autoridades judaicas o denunciarem.

Jesus fez uma revolução muito mais radical por sua cruz. O amor de Deus o ocupava em favor dos demais. No seu serviço os homens reconheciam a bondade de Deus. Jesus esteve sempre voltado para Deus. O que lhe importa é Deus e os homens, a história de Deus com os homens<sup>180</sup>.

Suas ações são explicadas por declarações que revelam o sentido cristológico.

O texto de Lucas com paralelo em Mateus (Cf. Lc 6,27-28; Mt 5,44) apresenta o ensinamento: “Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos

<sup>179</sup> SANDERS, E.P. *Gesù e il giudaismo*. Genova. Casa Editrice Marietti, 1992. p.104.

<sup>180</sup> Cf. KASPER, W. *Jesus, El Cristo*, p.85.

odeiam, bendizei os que vos amaldiçoam, orai por aqueles que vos difamam”. A palavra de Jesus representa o primeiro caso em que a idéia de amor para com o inimigo é norma bem clara para a comunidade, a dos discípulos. O mandamento do amor para com os inimigos está no contexto relacionado com a pregação do Reino de Deus. Jesus não está pensando nos inimigos privados que alguém pode ter. Pensa certamente em todo tipo de inimigo. Jesus quer eliminar dentro do Reino de Deus todo tipo de inimizade. O Reino de Deus deve ser o início da destruição do ódio e da inimizade entre seus seguidores<sup>181</sup>.

Nas parábolas Jesus emprega metáforas correntes que conduzem a vida do dia a dia por sua simplicidade e clareza. Jesus não queria transmitir novas idéias, mas pôr as pessoas em sintonia com suas próprias experiências, o que poderia colocá-las a abrir-se ao Reino de Deus<sup>182</sup>.

O evangelista Marcos resume as palavras de Jesus: “o tempo se cumpriu, é chegado o Reino de Deus” (Mc 1,15). Para Marcos certamente o centro da mensagem de Jesus era o Reino de Deus. Para Kasper, o Reino de Deus era a sua causa<sup>183</sup>. Jesus nunca explicou expressamente o que era este Reino. Segundo esse autor “a mensagem sobre a chegada do Reino de Deus deve ser entendida no horizonte da pergunta da humanidade pela paz, liberdade, justiça e vida”<sup>184</sup>. É a causa à qual Jesus dedica seu tempo, suas forças e sua vida inteira. “É sem dúvida o núcleo central de sua pregação, sua convicção mais profunda, a paixão que anima toda a sua atividade”<sup>185</sup>.

Para entender a relação de esperança com a promessa do Reino de Deus, basta perceber o ambiente comum nas passagens bíblicas em que o homem não possuía mais paz, liberdade, justiça e vida. Necessitava-se de um novo começo, que unicamente Deus poderia dar. Jesus foi andando de povoado em povoado e de aldeia em aldeia proclamando e anunciando a boa notícia do Reino de Deus (Cf. Lc 8,1). O Reino de Deus, segundo Pagola é a chave para captar o sentido que Jesus dava à sua vida e para entender o seu projeto, que queria ver realizado em todos os povos<sup>186</sup>.

<sup>181</sup> Cf. PAGOLA, J.A. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010, p.314.

<sup>182</sup> Cf. *Ibid.*, p.149.

<sup>183</sup> Cf. KASPER, W. *Jesus, El Cristo*, p.86.

<sup>184</sup> *Ibid.*, p.88.

<sup>185</sup> PAGOLA, J.A. *op.cit.*, p.115.

<sup>186</sup> Cf. PAGOLA, J.A. *Jesus: aproximação histórica*, p.115.

A esperança na chegada do Reino de Deus tinha raízes no Antigo Testamento. Tratava-se de uma certeza da fé em Deus, que ao final se mostraria como absoluto Senhor do mundo. Jesus imprime a esta esperança outra direção. Jesus fala do Reino de Deus em parábolas, como uma forma adaptada para expressar uma realidade oculta<sup>187</sup>. As parábolas do crescimento exprimem a tensão entre o início e o fim de um processo (Cf. Mc 4,3-9; 4,26-29; 4,30-32; Mt 13,24-30; 13,33).

O Reino de Deus é apresentado, portanto, não como um objeto de cálculos humanos, mas como uma realidade que só Deus pode atuar gratuitamente. Jesus concentra nele as múltiplas esperanças de salvação na participação do Reino de Deus (Cf. Mc 9,43; Lc 18,18)<sup>188</sup>. Entretanto, o tempo de salvação para Jesus se realiza e se atualiza no presente.

As parábolas do Filho pródigo e do servo cruel mostram que a mensagem da chegada do Reino tem como conteúdo o perdão da culpa. Segundo Kasper:

A salvação do Reino de Deus consiste em primeiro lugar no perdão dos pecados e na alegria que causa se encontrar com a misericórdia infinita e imerecida de Deus. Pois experimentar o amor de Deus significa sentir que é aceito absolutamente, que é reconhecido e amado infinitamente, e que se pode e se deve aceitar a si mesmo e ao outro. Salvação é alegria por Deus, que se traduz em alegria a causa do próximo e com o próximo (...). A salvação do Reino de Deus se manifesta também no amor de Deus que existe entre os homens. (...) por nossa parte temos que estar dispostos a perdoar nosso próximo. O perdão de Deus capacita um perdoar sem limites (Lc 17,3)<sup>189</sup>.

Para Kasper, a salvação do Reino de Deus consiste na chegada do amor de Deus que se auto comunica no homem e para o homem. O amor se manifesta como sentido de ser. Unicamente no amor se encontram a plenitude do mundo e do amor<sup>190</sup>.

Na invocação do “Pai Nosso”, Jesus aponta para uma vinda única e futura, onde só Deus pode atuar: “Venha o teu Reino” (Cf. Mt 6,10; Lc 11,2). É um acontecimento de Deus e que não necessita de uma colaboração humana. Levando-se em conta que este pedido se encontra num contexto de oração, o

<sup>187</sup> Cf. KASPER, W. *Jesus, El Cristo*, p.92.

<sup>188</sup> Cf. *Ibid.*, p.105.

<sup>189</sup> *Idem.*

<sup>190</sup> Cf. *Ibid.*, p.106.

orante invoca o domínio régio de Deus para a salvação e o juízo<sup>191</sup>. Nas bem aventuranças (Cf. Mt 3,2.7-12) encontra-se uma verdadeira proclamação de salvação escatológica.

Com especial clareza se observa o modo de Jesus chamar Deus de *Abba*, Pai. Segundo a tradição judaica, raramente é utilizada essa expressão dirigida a Deus por um individuo. Mas a fórmula é típica de Jesus nos Evangelhos. O valor cristológico da invocação exprime a íntima familiaridade de Jesus com Deus, seu Pai. Afirma no contexto de agonia a dimensão de total abandono nas mãos de Deus. Não se pode ter dúvida que a invocação represente a consciência de uma particular filiação.

Para Schürmann o Reino de Deus, tema central da pregação de Jesus, determinou sua morte. A compreensão que Jesus tinha acerca do Reino mostra aspectos que admitem a idéia de um possível destino de morte: “Em verdade vos digo, já não beberei do fruto da videira até aquele dia em que beberei o vinho novo do Reino de Deus” (Cf. Mc 14,25). A maneira originalíssima de falar a respeito da chegada do Reino indicava este destino. Jesus une a noção de Reino com o *Abba*, uma maneira originalíssima de Jesus se dirigir ao Pai. Deste modo, a compreensão que Jesus tinha de Reino estava plasmada por sua original experiência com o Pai. Esperava-se a instauração do Reino, mas uma noção que vinha desde o Antigo Testamento, porém não uma proclamação como a efetuada por Jesus<sup>192</sup>.

O anúncio de Jesus sobre o Reino já presente se chocava com todas as frentes do judaísmo, pois a expectativa deste Reino era diferente, esperavam uma restauração política. Diante dessa realidade Jesus ao anunciar o Reino contava também que sua morte era uma possibilidade.

Schürmann afirma que Jesus teria concebido a própria morte como serviço à vinda do Reino de Deus. O serviço está presente em toda a vida de Jesus:

O fato de que Jesus assinalara a sua morte importância salvífica, nos é sugerido pela proclamação Jesusânica da *basileia* (Reino).(…) Se Jesus, como o absoluto salvador escatológico, o representante de Deus e de seu Reino aceitou conscientemente sobre si seu destino de morte e contava com a confirmação de sua oferta de salvação, mantida até a morte, por parte de Deus que lhe exaltava, então a significação salvífica se fundamentou primeiro potencialmente no

<sup>191</sup> Cf. GNILKA, J. *Jesus de Nazaré, Mensagem e História*, p.134.

<sup>192</sup> Cf. SCHÜRMAN, H. *El destino de Jesús: su vida y su muerte*, p.22.

consciente serviço pro existente da morte de Jesus. Logo foi expressa implicitamente (Mc 14,25), quando Jesus, como o representante do Reino de Deus, aguarda sua exaltação. Nos gestos de oração (gestos de serviço e que foram interpretados) durante a última Ceia, essa significação salvífica foi tematizada drástica e plasticamente (e indicada nas palavras que a acompanhavam), porém de uma maneira direta<sup>193</sup>.

A morte não só apareceu na sua perspectiva, mas Ele a deve ter vivido existencialmente. Segundo Schürmann, a morte ocupou um lugar na sua radical confiança em Deus e na validade de sua mensagem, quando expressa a certeza de que sua morte não poderia deter a vinda do Reino de Deus<sup>194</sup>.

Jesus ligou seu destino de morte à sua missão e o assumiu de modo ativo na mesma atitude de serviço à vinda de Deus que caracteriza sua atuação anterior<sup>195</sup>.

Para Moinght:

Jesus lê a história de Israel como o haviam feito muitos profetas antes dele: é a história sempre recomeçada de um povo ingrato e indócil, de má fé, que não quer devolver a Deus o que lhe deve. Integra nele sua visão da história dos profetas: um após o outro, todos foram rejeitados e perseguidos, sem que jamais o povo se arrependesse dos maus tratos infligidos aos enviados de Deus. Portanto, é uma *lei geral da história*, a de que os homens querem se livrar dos enviados de Deus: Jesus contempla nessa lei a sorte que o espera<sup>196</sup>.

A significação da morte de Jesus, segundo Schürmann foi marcada por sua conduta e sua proclamação:

A significação salvífica da morte de Jesus não pertence só à proclamação de Cristo efetuada depois da Páscoa. Essa significação teve já sua 'pré estrutura' na conduta e na proclamação de Jesus: a conduta pro existente de Jesus é, apesar de toda a descontinuidade, o *continuum* que vai desde o Jesus proclamador ao Cristo proclamado, e é ademais a conduta pela qual Jesus é - como Cristo - a parábola e o representante da pro existência de Deus e de seu Reino (no caso de que a pro existência tenha seu fundamento pré existente)<sup>197</sup>.

O termo pro existência cunhado por Schürmann ajuda-nos na compreensão do sentido que Jesus atribuiu à própria morte. Sua relação com o Pai era tão profunda que pela realização do seu Reino doa a vida gratuitamente.

<sup>193</sup> SCHÜRMAN, H. *El destino de Jesús: su vida y su muerte*, p.205.

<sup>194</sup> Cf. *Ibid.*, p.297.

<sup>195</sup> Cf. KESSLER, H. *Cristologia*, pp.219-400.

<sup>196</sup> MOINGHT, J. *O homem que vinha de Deus*, p.350.

<sup>197</sup> SCHÜRMAN, H. *op.cit.*, p.204.

### 4.3. A originalidade do seguimento de Jesus

O ponto de partida da nossa reflexão cristológica é o Jesus dos Evangelhos: Jesus que chama os discípulos para uma profunda comunhão de vida e destino.

Para Jesus foi necessário pôr em marcha um movimento significativo para despertar a consciência da proximidade salvadora de Deus. Para isso, estava sempre rodeado de amigos e colaboradores, homens e mulheres que compartilhavam com ele sua experiência de Deus. Alguns movidos pela curiosidade e simpatia, outros sua mensagem os convencia, alguns lhe manifestavam plena adesão, e, por último, um grupo que o acompanhou em sua vida itinerante. Este movimento foi tomando força quando seus contemporâneos assumiam posição a respeito de sua pessoa. Entre estes, Jesus escolheu doze que formaram seu grupo mais estável e próximo<sup>198</sup>.

Nos Evangelhos, os integrantes deste grupo que compartilharam a vida itinerante de Jesus são chamados “discípulos”. Seu grupo de discípulos era bem diferente dos de João Batista. Não tinham a finalidade de batizar, e a maioria deles não tinha uma relevância notável, mas representavam para Jesus um novo começo para Israel. Associados por Jesus à sua missão põem em marcha a restauração de Israel. Não se tratava de uma restauração étnica ou política, mas numa presença curadora e libertadora de Deus em seu povo, curando os enfermos, acolhendo os excluídos e perdoados os pecadores.

É o próprio Jesus quem chamava seus discípulos (Cf. Mc 11,17). A iniciativa era exclusividade dele. Seu chamado era decisivo e a adesão a ele, total. Um relacionamento especial de Jesus com seus discípulos, porque era ligado à sua pessoa. Jesus não os chamou para estudar a lei ou as tradições, como numa escola rabínica, para serem mestres de Israel. Jesus não os seduziu propondo metas atraentes, eles iam aprendendo junto com ele e se iniciando no projeto de Deus. Jesus os convidou a viver como ele, chamados para estarem presentes, para andar com ele, comer e beber, ouvir o que dizia e ver o que fazia. A resposta ao chamamento correspondia a uma mudança radical na existência que se traduzia

---

<sup>198</sup> Cf. PAGOLA, J.A. *Jesus: aproximação histórica*, p.324.

em fidelidade e disponibilidade para entrar em comunhão com a pessoa dele, com sua missão e seu destino<sup>199</sup>.

O Evangelho de Marcos apresenta a cena do chamamento dos doze. Em Mc 3,13-15:

Depois subiu à montanha, e chamou a si os que ele queria, e eles foram até ele. E constituiu Doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar e terem autoridade para expulsar os demônios.

O estar com ele é ponto de partida da constituição do discipulado, algo nas circunstâncias bem concretas da própria existência<sup>200</sup>.

A um discípulo Jesus não permitiu despedir-se de sua família, a outro que lhe pedia para enterrar seu pai disse: “segue-me e deixa que os mortos enterrem seus mortos” (Lc 9,59). Enterrar o pai era a obrigação mais importante e sagrada de um filho, portanto, tal passagem além de exprimir de modo agudo a ruptura com a lei, a devoção e as tradições por parte de Jesus, indica o que significava o chamado ao seu seguimento. O discípulo deveria abandonar tudo, Jesus exige fidelidade à sua pessoa acima da fidelidade às suas próprias famílias<sup>201</sup>.

A diferença entre os discípulos de Jesus e outras formas históricas de discipulado pode ser observada a partir do *loghion* “perder a vida”. Sua presença em três dos Sinóticos (Cf. Mt 10,39; 16,25; Mc 8,35; Lc 9,24; Lc 17,33) é acompanhada por uma motivação que lhe dá sentido profundo: “perder a vida por sua causa”. O critério de múltipla atestação sugere a originária autenticidade de uma palavra na sua diversificada recepção. Portanto, na perspectiva Jesuana, já explicitada em outra parte do nosso trabalho, o *loghion* é seguramente cristológico<sup>202</sup>.

A figura de Jesus rodeado de discípulos podia levar a pensar em outros mestres de seu tempo. Entretanto, os discípulos não estavam ali para ser algum dia mestres de Israel. Havia uma diferença radical: Jesus e seus discípulos viviam acolhendo o Reino de Deus e proclamando o amor e a justiça. Jesus os via como uma família, uma família nova unida pelo desejo de fazer a vontade de Deus.

<sup>199</sup> Cf. COSTA, P.C. *O seguimento de Jesus Cristo como fundamento de evangelização*, p.182.

<sup>200</sup> Cf. AZEVEDO, O.W. *Comunidade e missão no Evangelho de Marcos*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.p.178.

<sup>201</sup> Cf. PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, p.339.

<sup>202</sup> Cf. COSTA, P.C. op.cit., p.184.

Diante de Jesus, cada discípulo era equiparado aos outros, prevalecendo entre eles a relação de irmãos.

No seguimento a Jesus transparece uma inversão total de valores: a vida encontra-se quando se perde. Abandona as estruturas vigentes para movimentar-se nos espaços marginais daquela sociedade. Os discípulos tiveram que aprender a viver na insegurança confiando, sobretudo, em Deus e partilhando a alegria em descobrir que Deus é a boa nova para todos aqueles excluídos da sociedade. O seguimento criou comunidade e solidariedade.

Jesus, ao chamar seus discípulos para a comunhão de vida e destino queria que estes fossem reflexos de sua imagem, e como tal num processo de seguimento tomar a cruz e segui-Lo. A existência de um grupo de discípulos e o fato de O seguirem oferece o contexto no qual deve ser plasmado o discípulo<sup>203</sup>.

Os Evangelhos Sinóticos e também o Evangelho de João apresentam uma teologia do seguimento de Jesus. Nos Evangelhos Sinóticos, após a profissão de fé de Pedro, é apresentado o messianismo de Jesus e seu caminho é o caminho do discípulo.

Em Marcos, a partir da confissão de fé de Pedro, o evangelista muda a tônica do Evangelho: Jesus passa a ser o Messias que deve sofrer, o Messias servo. A parte central do Evangelho é marcada pelo tema do seguimento, onde se aborda as questões sobre a paixão, a incompreensão dos discípulos e sobre as condições para o verdadeiro seguimento. O discipulado vem apresentado como experiência de associação ao destino do Mestre em sua paixão, morte e ressurreição. No seguimento de Jesus, que é caminho de sofrimento e humilhação, o discípulo terá condições de compreender seu messianismo<sup>204</sup>. A cena da cura do cego de Jericó indica no milagre de Deus a possibilidade de se abrir os olhos à compreensão do caminho de Jesus e do verdadeiro discipulado. Com relação à incompreensão dos discípulos, Marcos enfatiza que na prisão de Jesus todos o abandonaram e fugiram.

Para Mateus, o discipulado é comunhão de destino dos discípulos com Jesus. Chamados para o seguimento de Jesus, os discípulos tinham que compartilhar o seu caminho.

---

<sup>203</sup> Cf. COSTA, P.C. *O seguimento de Jesus Cristo como fundamento de evangelização*, p.179.

<sup>204</sup> Cf. SCHERER, O.P. *Justo Sofredor- Uma interpretação do caminho de Jesus e do discípulo*. São Paulo: Edições Loyola, 1995. p.276.

O Evangelho de Lucas introduz o chamamento dos primeiros discípulos: Simão, Tiago e João. O evangelista apresenta o ambiente psicológico e a explicação para o comportamento destes pescadores que deixaram tudo para seguir Jesus. O seguimento vem intimamente conectado com o chamado de Jesus. Deixar tudo e segui-lo fixa as condições de vida para aqueles que ele quer perto de si. “Lucas recolhe os ditos e os episódios que dão centralidade à vida da pessoa que segue Jesus”<sup>205</sup>. O tema do seguimento na obra de Lucas que vai do capítulo 9 ao 20 apresenta a atividade missionária de Jesus, o ideal da pobreza, e a recompensa de quem deixou tudo para segui-lo. Corresponde ao período de instrução dos discípulos e as exigências para o seu seguimento. Três episódios ilustram essa condição. No primeiro, supõe-se o reconhecimento de Jesus como o Messias, o Filho de Deus que veio para reconciliar a humanidade toda com o Pai. Em seguida, explica-se a mudança do caminho da pessoa que o segue: “se alguém quer vir após mim, renuncia a si mesmo, tome sua cruz a cada dia e siga-me” (Lc 9,23). No segundo episódio (Cf. Lc 9,57-62), Lucas fala do caminho de Jesus rumo a Jerusalém, em que se destacam três cenas: a primeira explícita que o seguimento exige que se tome parte no destino de Jesus; a segunda, que se abraça a causa de Jesus; e, a terceira cena, apresenta o seguimento como missão de anunciar o Reino de Deus. No último episódio (Cf. Lc 18,18-23), Lucas narra o diálogo de Jesus com o rico notável<sup>206</sup>.

O Evangelho de Lucas é o primeiro livro de uma dupla obra histórica religiosa que compreende o Evangelho e o livro dos Atos dos Apóstolos. É como os consideram muitos exegetas a obra lucana pelo princípio da continuidade<sup>207</sup>. Neste sentido, os discípulos que discutiam entre eles quem seria o maior não compreenderam o significado do seguimento de Jesus. Isto somente acontecerá à luz do acontecimento da ressurreição.

A falta desta compreensão das Escrituras tinha caracterizado a atitude dos discípulos (Cf. Lc 9,45; 18,34). Agora, a experiência pascal da ressurreição abre a mente, a fim de que compreendam o significado das Escrituras (Cf. At 3,17-18; 17,3)<sup>208</sup>.

<sup>205</sup> BOFF, M.L. *O seguimento de Jesus Cristo no Evangelho de Lucas*. In: PIVA, E.D.(ORG.). *Evangelização*, p.122.

<sup>206</sup> Cf. Idem.

<sup>207</sup> Cf. Ibid., p.120.

<sup>208</sup> COSTA, P.C. *O seguimento de Jesus Cristo como fundamento de evangelização*, p.187.

A cena do lava-pés no Evangelho de João é um gesto revolucionário que contraria todos os comportamentos habituais da época. O mestre deveria ser honrado, mas Jesus fez um gesto próprio de escravos. O texto quer indicar a dimensão de serviço no messianismo de Jesus e do discipulado: “Vós me chamais de mestre e Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns dos outros” (Jo 13,14) <sup>209</sup>. Jesus afirma assim o senhorio do serviço: o verdadeiro senhor é aquele que pode servir.

Os evangelistas ao apresentarem o preceder de Jesus a seus discípulos indica o caminho de Jesus e possibilita a experiência de seu seguimento. O ministério de Jesus constitui a perspectiva teórico prática, no qual o ser humano é convidado a situar-se.

O seguimento aparece como a pedagogia do discipulado, como coragem de assumir os riscos e as conseqüências de deixar tudo e no caminho de Jesus participar e promover a inauguração e a erupção do Reino que liberta e concretiza a salvação<sup>210</sup>.

#### 4.4.

#### **O seguimento de Jesus como realização do ser humano**

O tema do seguimento oferece um modelo de articulação da figura de Jesus em uma relação pessoal, não só individual, mas também comunitária.

Ao se deslocar pelos caminhos do mundo, Jesus relacionava-se com pessoas e grupos, enquanto chamava ao seu seguimento, ensinava cura e expulsava os demônios (Cf. Mc 1,32-34; 3,7-12; 6,53-56). Exigia um modo de ser novo, vislumbrado no ministério de sua morte e ressurreição, que implicava total comprometimento na tarefa de promover o Reino de Deus para a salvação humana.

Jesus de Nazaré se auto definiu como o único caminho para o Pai (Cf. Jo 14,6). Só mediante o seu seguimento é possível conhecer verdadeiramente Deus, relacionar-se com Ele e viver na fidelidade de Seu projeto.

A visualização da sua precedência e a participação concreta dos discípulos em sua vida se traduz na experiência de comunhão e relação pessoal com Jesus que será articulada teologicamente depois da Páscoa. Nesse contexto, seguir se

<sup>209</sup> Cf. COSTA, P.C. *O seguimento de Jesus Cristo como fundamento de evangelização*, p.188.

<sup>210</sup> *Ibid.*, p.193.

transforma em um termo teológico que caracteriza o ser cristão e assume um significado que ultrapassa a primitiva perspectiva. Trata-se da resposta de fé ao apelo de Jesus ressuscitado para dar continuidade à sua causa<sup>211</sup>.

O tema do seguimento permite ampliar os conceitos de pessoa e de história real aplicados a Jesus Cristo. Os relatos das aparições e os fatos da vida da comunidade primitiva indicam que o ser pessoa de Jesus não termina com sua morte. Os apóstolos tiveram acesso a essa experiência total de realidade, ou seja, o reconhecimento de uma continuidade que une a fé pós pascal dos discípulos ao Jesus de Nazaré. Para isso, é necessário que eles tenham captado o significado escatológico da existência de Jesus e sobre o seu destino pessoal para depois da morte<sup>212</sup>.

A partir da Páscoa pode-se afirmar que Deus não abandonou Jesus, sua ressurreição foi ato da fidelidade divina, e sua vida a erupção do Reino de Deus. Portanto, a Páscoa confirmou o sentido total do acontecimento Jesus. A ressurreição e a experiência de sua presença entre os discípulos permitiram a estes afirmar a identidade e a continuidade da história de Jesus.

A dimensão de relação pessoal é um elemento constitutivo do significado permanente da pessoa de Jesus. Por isso, o significado da Páscoa como ponto de partida da cristologia não é somente fundar a fé dos apóstolos, mas inclui o encontro pessoal com o Cristo.

A partir desta identidade pessoal é compreensível a diversidade cristológica como explicação progressiva da pessoa e da função de Jesus em seu significado atual para o ser humano. Em torno de Jesus se articula a existência cristã, a pessoa e sua obra atualizadas.

Os elementos constitutivos do mistério de Jesus se articulam quando os homens tomam posição diante de sua pessoa. É uma decisão existencial e de fé diante de seu projeto. Por isso, a existência de um grupo de discípulos, e seu seguimento, pode ser analisada como significação cristológica.

O verbo *akolouthēin* no contexto de vocação dos discípulos, aproximado de outros termos nos Sinóticos, indica um grau de adesão muito especial exigido

---

<sup>211</sup> Cf. BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002. p.51.

<sup>212</sup> Cf. PALACIO, C. *Jesus Cristo: História e Interpretação*. São Paulo: Edições Loyola, 1979. p.93.

por Jesus<sup>213</sup>. O especificamente novo é a iniciativa de Jesus que chama e a mudança radical na existência de quem o segue.

O novo no seguimento cristão é a vinculação à pessoa de Jesus. Uma estrutura de vocação aparece em Mc 1,16-18 com grande ênfase cristológica. A iniciativa é de Jesus, o abandono de tudo é por sua causa e a vocação é participar da sua missão e do seu destino.

Algo fundamental desta experiência pré pascal nos é indicado. Jesus expressa sua relação ao Pai e ao Reino de Deus, e, portanto, a erupção do Reino tem lugar no chamado para o seguimento. A atitude do seguimento manifesta a vinculação à sua pessoa que faz passar da lei à graça escatológica<sup>214</sup>.

A tradição integrou este aspecto na sua reflexão sobre o valor soteriológico da existência de Jesus. Jesus foi alguém que abriu um caminho e o percorreu até o fim. Esta precedência criou a possibilidade do seguimento. Neste sentido, seu caminho é salvífico e redentor, pois expressa a objetividade de uma salvação que só se pode alcançar participando da vida e do destino de Jesus. Um caminho “qualitativamente diferente” que expressa a salvação. Para Carlos Palacio: “É um caminhar real e concretamente atrás de Jesus, seguindo a mesma curva que marcou – ‘com a sua necessidade’ - seu caminho: pela paixão à glória”<sup>215</sup>.

O conceito de seguimento e caminho ajuda a manter a unidade entre cristologia, soteriologia e existência cristã. O seguimento oferece uma dimensão de relação pessoal, onde se estabelece uma relação salvífica. A relação com Jesus aponta para uma plenitude que é promessa. A transposição do que representou o seguimento como válido para o tempo pós pascal pressupõe a continuidade de Jesus como sujeito de uma relação, isto é, a identidade de Jesus de Nazaré com o Senhor exaltado reconhecida progressivamente nas experiências de comunhão pós pascal<sup>216</sup>.

A significação permanente da pessoa e obra de Jesus em toda a história da salvação é a relação pessoal com ele e a explicação do que tem de único e irrepetível no seu caminho. Esta reflexão foi elaborada gradativamente em João, na Carta aos Hebreus e na teologia paulina<sup>217</sup>.

<sup>213</sup> Cf. PALACIO, C. *Jesus Cristo: História e Interpretação*, p.116.

<sup>214</sup> Cf. *Ibid.*, p.120.

<sup>215</sup> *Ibid.*, p.121.

<sup>216</sup> Cf. *Ibid.*, p.144.

<sup>217</sup> Cf. *Idem.*

Segundo Palacio, o tema do seguimento foi reinterpretado após a Páscoa com base em três elementos. O primeiro, a identificação do Jesus de Nazaré com o Senhor exaltado que pressupõe a continuidade pessoal de Jesus como sujeito de uma relação. O quarto Evangelho em sua perspectiva pós pascal oferece essa identificação e apresenta o caráter universal do chamamento: o seguimento é a atitude do fiel diante de Jesus Cristo, um projeto de vida em obediência e solidariedade ao exaltado. O segundo elemento foi a possibilidade de uma relação pessoal com o ressuscitado, que se baseou pela interpretação dos evangelistas nas aparições como encontros com o Senhor. Também agora era Jesus Cristo que estabelecia a relação e definia o caminho da comunidade. O terceiro elemento foi a idéia subjacente de “caminho” de Jesus e sua significação. Refletir de novo sobre a relação entre Jesus e o discípulo e a peculiaridade do seu caminho. A elaboração destes três elementos permitiram a transformação pós pascal do tema do seguimento. A estrutura é a mesma, apesar de novos elementos para a fé indicando Jesus como salvador<sup>218</sup>.

A imagem do caminho subjacente liga dois aspectos. O caminho como trajetória que delimita uma existência e a expressão de um projeto histórico.

O caminho de Jesus não ficou limitado à sua vida terrestre. A morte não foi um término, mas o retorno ao Pai (Cf. Jo 14,4-7). A comunidade cristã primitiva captou este novo modo de existir como uma presença soberana. A exaltação foi o começo da manifestação final de Jesus como Filho do Homem. Esta novidade do caminho de Jesus é promessa para que o discípulo permaneça fiel no seu seguimento. O Evangelho de João não emprega a palavra seguir, mas fala de caminho. O caminho que é Jesus. Assim, João se desloca progressivamente em direção ao caminho que conduz da exaltação à glória<sup>219</sup>. A comunidade pensa a partir da experiência de exaltação. É desta certeza que Jesus é confessado como Messias.

À luz da Páscoa a morte deixa de ser um fracasso, para tornar-se a virada decisiva do destino pessoal de Jesus e a integração da história terrestre no movimento de retorno ao Pai. Esta é a significação salvífica da pessoa e obra de Jesus tematizada pelo seu caminho. Do caminho de Jesus se acentuará seu caráter

---

<sup>218</sup> Cf. PALACIO, C. *Jesus Cristo: História e Interpretação*, p.145.

<sup>219</sup> Cf. *Ibid.*, p.147.

salvífico: seguir será participar do seu destino de morte com a esperança de chegar à glória do Reino.

No motivo do seguimento, e no conceito de caminho, se pressupõe a solidariedade dos discípulos e a participação no destino de Jesus. Esta participação é necessária para a salvação. O desenvolvimento cristológico não se concretiza sem dois aspectos: a diferença qualitativa do caminho de Jesus e a participação real no seu destino. Estes aspectos estavam unidos no seguimento e na experiência dos discípulos:

Desvinculadas da história pessoal de Jesus e sem o peso da obediência como momento intrínseco do seguimento, a fé cristológica e a existência cristã teriam perdido seu ponto de inserção na história para tornar-se um mito gnóstico<sup>220</sup>.

A Páscoa situada entre a exaltação de Jesus, e a espera da parusia, não havia refletido o sentido da morte na cruz. Paulo foi o primeiro a chegar a uma visão unificada do mistério de Cristo para a comunidade. Para ele, a morte redentora é tão central como a ressurreição (Cf. Jo 14,4-7). A experiência do sofrimento como passagem para a glória era um caminho interiorizado na história de Israel. Este caminho chega até o limite de suas possibilidades com Jesus.

A morte redentora é vida nova que deve transformar as manifestações mais concretas da existência humana. Paulo pensa em termos de comunhão real: viver em Cristo ou estar com Cristo. Para designar esta experiência que não é só individual, mas comunitária, ele usa a imagem de Corpo de Cristo. Por meio desta imagem, o tema do seguimento adquire uma dimensão eclesial, e ao mesmo tempo temporal, voltado para uma meta. O Corpo de Cristo é o corpo na cruz, isto é, o acontecimento salvífico que se transforma em acontecimento portador de vida, dentro de um âmbito no qual agem a bênção e a soberania de Cristo. O Corpo de Cristo é a expressão da antropologia paulina e de sua significação para a existência cristã. Exprime a totalidade da pessoa aberta no seu ser relacional para Deus e para os outros. Este é o conceito apropriado para descrever a existência em Cristo: na sua origem e na obediência concreta ao serviço divino, onde o homem aprende a ser um para o outro em Cristo (Cf. Rm 12,1).

---

<sup>220</sup> PALACIO, C. *Jesus Cristo: História e Interpretação*, p.153.

Paulo conseguiu integrar no conceito de corpo as categorias de espaço e tempo. A comunidade depende do Corpo de Cristo executado na cruz e de sua eficácia salvífica permanente. Assim, pode ser considerada comunhão íntima com Cristo exaltado e lugar da ação presente no mundo. O Corpo de Cristo acentua a atualidade dos acontecimentos salvíficos. A comunidade conduz a trajetória do presente eclesial desde os acontecimentos fundadores à plenitude. Paulo mostra assim que a comunidade depende na sua história do Corpo de Cristo, e essa história continua no serviço ao mundo.

Ao caracterizar Jesus como “servidor” a comunidade superava a idéia clássica de Messias, introduzindo nela a dimensão de sofrimento. Desta forma, explicavam a morte de Jesus como um benefício para todos.

Cruz e ressurreição são os fundamentos permanentes da salvação, condição única e irrepetível de Jesus, a expressão da oferta contínua do amor de Deus, em Jesus Cristo. Representam a libertação radical e a vinculação absoluta ao Deus verdadeiro.

Para caracterizar a existência cristã como mística do seguimento é necessário pôr em relevo a estrutura crística e o realismo da nova vida em Cristo. A possibilidade da existência cristã tem seu fundamento na história de Cristo, na objetividade dos acontecimentos reais. A fidelidade ao Novo Testamento mantém unida o relato e a interpretação, os acontecimentos e a sua significação permanente para a existência cristã.

Cristo é o que configura a vida e sua organização. A comunidade viverá desta referência. Mas a objetividade da salvação só atinge a plenitude quando encontra a resposta do homem, não apenas pela sua inserção no Corpo de Cristo pelo batismo, mas pela dimensão de compromisso pessoal.

O tema do seguimento e sua reelaboração teológica depois da Páscoa, segundo Palacio:

É a expressão da verdadeira continuidade pessoal na cristologia. O seguimento aparece então como relação pessoal e comunhão de destino que o ato salvífico de Jesus Cristo tornou possíveis<sup>221</sup>.

A ser humano vive entre o acontecido em Cristo, como chamado, e a sua plena realização como resposta no seguimento a Cristo. “Jesus Cristo é o

---

<sup>221</sup> Cf. PALACIO, C. *Jesus Cristo: História e Interpretação*, p.179.

fundamento permanente da existência cristã, e o seguimento é a forma de vida em Cristo e com Cristo”<sup>222</sup>.

#### **4.5. Conclusão do capítulo**

A partir da unidade da confissão de fé buscou-se apresentar um Jesus mais acessível esboçando-se o mistério do homem Jesus, em sua vida e seu destino. A confissão de que Jesus é o Cristo é uma verdadeira aplicação do círculo hermenêutico que nos permite perceber o processo de transformação que Cristo possibilita.

A cristologia não é somente um discurso, mas compromisso. A importância do tema do seguimento, da inseparabilidade entre cristologia e soterologia significa que toda confissão cristológica é um momento do agir. Separar a cristologia do contexto concreto seria torná-la teoria.

A pergunta hermenêutica não é só integrar o passado no presente, mas também articular a teoria na prática. Cristo representa para o ser humano sua identidade marcada por um processo em tensão para o futuro. O sentido da fé cristológica deve ajudar a tarefa de transformação do mundo e do homem. O cristianismo interpreta a existência e a transforma. O seguimento se torna assim a possibilidade na qual as palavras se tornam existência concreta.

---

<sup>222</sup> Cf. PALACIO, C. *Jesus Cristo: História e Interpretação*, p.180.